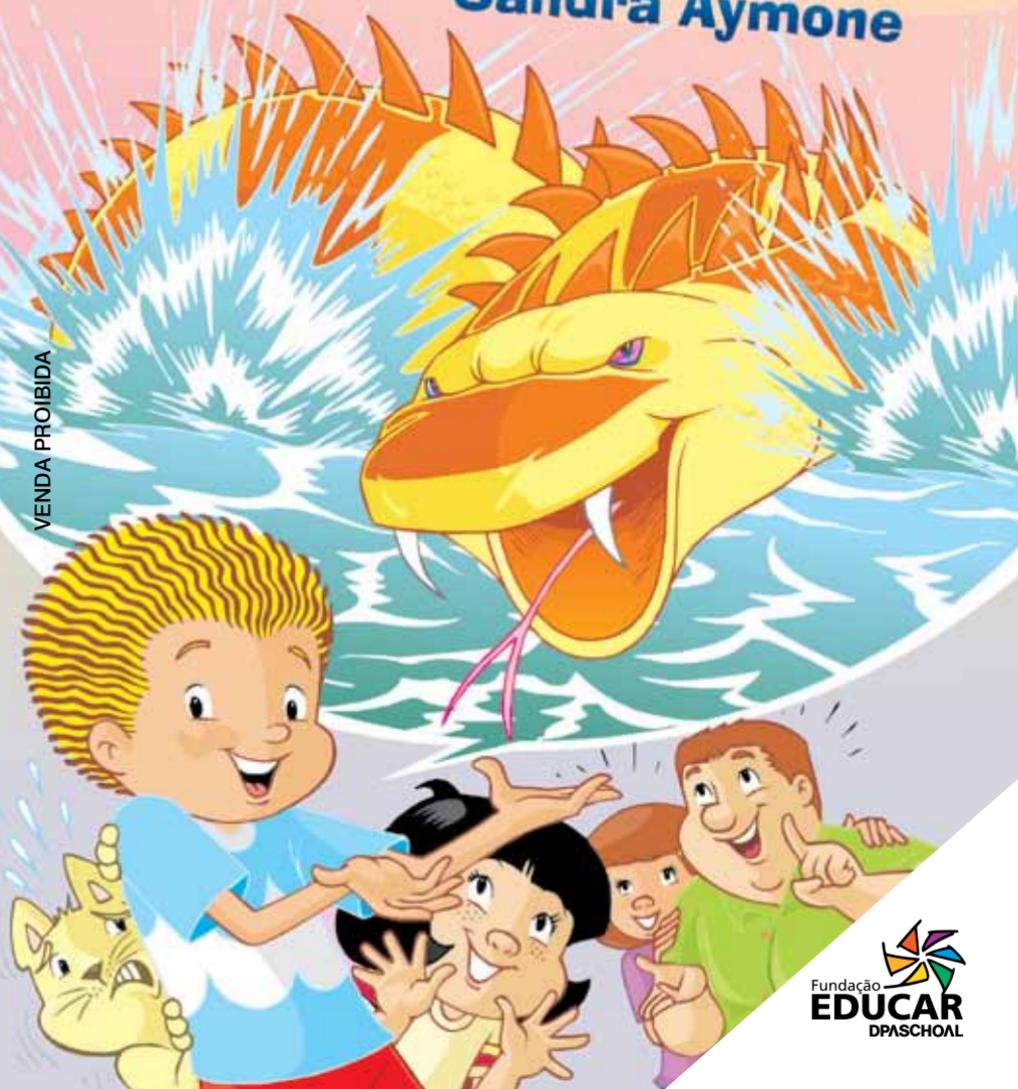


coleção
**Pé na
estrada**

DE VOLTA PARA O PARÁ

Sandra Aymone

VENDA PROIBIDA



Fundação
EDUCAR
DPASCHOL

Autora: Sandra Aymone

Coordenação editorial: Sílvia N. Martins Prado

Preparação e revisão: Katia Rossini

Ilustração: Pierre Trabbold / Luiz Rodrigues / Felipe Rostodella

Projeto gráfico: Linea Creativa

Colaboração: William Bossolani

Realização:

Fundação Educar DPaschoal

www.educardpaschoal.org.br

F: (19) 3728-8129

Agradecemos aos nossos parceiros a colaboração na distribuição destes livros:
Argius Transportes Ltda., Braspress, Hiperion Logística, Trans-Iguaçu Transportes,
Transportadora Capivari Ltda., TRN Pavan.

Esta obra foi impressa na Gráfica e Editora Modelo Ltda. em papel cartão (capa) e offset (miolo).
Esta é a 1ª. edição, 1ª. reimpressão, datada de 2010, com tiragem de 30.000 exemplares

Deloitte.

A tiragem e a prestação de contas referentes a esta publicação foram conferidas pela Deloitte.

Sobre a Fundação Educar DPaschoal

A Fundação Educar DPaschoal foi criada em 1989 para gerir os investimentos do grupo DPaschoal em programas de estímulo à leitura. Promover a educação para a cidadania como estratégia de transformação social é a missão da Fundação Educar, que constrói parcerias e desenvolve três projetos.

O Leia Comigo!, que utiliza recursos próprios e de outras empresas através da Lei Rouanet, para produzir e distribuir gratuitamente livros educativos para crianças e adolescentes. Desde o ano 2000, já foram doados mais de 33 milhões de exemplares, em todo o Brasil.

A Academia Educar, que promove a formação de núcleos de lideranças juvenis em escolas públicas, criando oportunidades para que o jovem descubra em si o potencial que o torna capaz de transformar sua realidade, de sua escola e de sua comunidade.

E o Prêmio Trote da Cidadania, que reconhece e incentiva universitários de todo o Brasil a promover ações sociais com os calouros, para estimular o empreendedorismo social e reduzir a prática do trote humilhante ou violento.

Procurando contar sempre com valiosas parcerias, a DPaschoal deseja, cada vez mais, dar sua contribuição à sociedade em sua caminhada pela educação e pela cidadania.

DE VOLTA PARA O PARÁ

Sandra Aymone



Mateus estava jogando damas com sua amiga Liloca quando ouviu o pai chamá-lo. Correu até Fernando, que levantou o filho do chão, dizendo:

– Dê um beijo no seu pai, porque amanhã cedo vou viajar pra bem longe!

O pai de Mateus era caminhoneiro e estava sempre viajando pelo Brasil.

– Pra onde você vai desta vez, pai?

– Lembra que eu já fui até a Amazônia? – ele respondeu. – Pois tenho de voltar para lá. Vou entregar uma carga em Belém do Pará. E fazer uma coisa muito bacana: o dono de uma empresa me pediu para ir até a ilha de Marajó buscar umas cerâmicas bonitas que eles fazem lá. A viagem vai ser boa, já tenho a carga acertada pra ida e pra volta...

– Traz um brinquedo pra mim? – pediu o menino.

– Tá, se tiver algum baratinho, eu trago! – prometeu o pai.

No dia seguinte, Fernando saiu antes de o sol raiar. Era uma viagem longa. Mateus não via a hora de ter seu pai de volta...



Até que, uma tarde, o menino ouviu a buzina que conhecia tão bem... e logo o caminhão encostava na frente da casa! Que alegria! Como sempre, seu Fernando já entrou contando mil novidades.

– Acho que hoje a história vai ser boa! – disse, sorrindo, dona Cida, a mãe do menino, enquanto Fernando tomava um bom banho. – Vai lá chamar a Liloca para ouvir! Ela adora!

Pouco depois, os três já estavam na sala, reunidos em volta de Fernando.



– Ah, que cidade linda é Belém! – começou ele. – Tem uns prédios enormes, com jeito de palácio. São do tempo em que a riqueza corria solta por lá. Foram construídos há mais de 100 anos, quando a borracha era a maior riqueza do Brasil.

– Eu estudei isso quando era criança! – lembrou Cida. – A árvore da borracha se chama seringueira.

– Isso mesmo! – confirmou Fernando. – A seringueira crescia igual mato na Amazônia, e, até hoje, todos os pneus de carro, moto, caminhão, avião, são feitos de borracha.

– Imaginem – continuou ele – quanta gente ficou rica vendendo borracha amazônica pra outros países fabricarem pneus! Só que, depois, a seringueira começou a ser plantada em outros lugares do mundo e aquelas fortunas se acabaram...

Fernando pegou um embrulho e mostrou às crianças.

– Sabem o que é isto aqui? Comprei no Ver-o-Peso, um mercado ao ar livre que existe no porto de Belém. É enorme! Tem barracas onde se vende de tudo! Carne, peixe, frutas, artesanato, ervas medicinais, roupas... Olhem que bacana! – Abriu o embrulho, de onde saíram figuras modeladas em um material que eles não conheciam. – São brinquedos de balata! Balata é uma árvore da qual se tira esta substância parecida com borracha.

Mateus e Liloca ficaram encantados com as imagenzinhas, que representavam animais da Amazônia. Tinha um boto cor-de-rosa, um papagaio, um tatu e uma cobra!

– E esta é a cobra da lenda da Cobra Grande – continuou Fernando: – Os índios acreditavam que existia uma cobra imensa, que vivia no fundo dos lagos, rios e igarapés. O nome dela era Boiuna. Seu corpo refletia a luz da lua, e seus olhos brilhavam no escuro, iludindo os pescadores. Eles pensavam que aquilo era um navio e acabavam sendo devorados por ela!



– Que medo! – arrepiou-se Liloca.

– Mas também tinha uma cobra boa, filha da Boiuna, chamada Cobra Norato. Certas noites, ela perdia o seu encanto e se transformava em um rapaz todo elegante, deixando as águas pra levar vida normal na terra. Para Norato ficar livre pra sempre do encantamento, era preciso que alguém muito corajoso derramasse leite na sua boca...

– Ah, se fosse mesmo uma cobra boazinha, eu ia ter coragem! – afirmou Mateus.



– E tem mais! – continuou Fernando: – Muita gente acredita que a Boiuna dorme embaixo da cidade de Belém. Falam que a cabeça dela está bem debaixo da Igreja da Sé; e a cauda, na Basílica de Nazaré. O interessante é que este é o percurso da procissão do Círio de Nazaré, uma festa muito famosa, que reúne milhões de pessoas. Uns 40 anos atrás, aconteceu um tremor de terra na cidade, e o povo dizia que era a cobra se mexendo...

– E que frutas tem o Pará? – quis saber Cida.

– Huum! Uma mais gostosa que a outra! Cajarana, cupuaçu, açaí, abricó...

Liloca adorou aqueles nomes, e deu a Fernando um pedaço de papel, pedindo que ele anotasse ali todos que conseguisse lembrar.

A menina explicou:

– É que eu quero fazer uma música!

Mateus gostou da ideia e disse que ia ajudar. O pai escreveu e, em seguida, os dois foram trabalhar em sua criação. Em pouco tempo, estavam de volta, cantando:

– Tem cajarana, caju,
Sapotilha e bacuri!

Ajiru, cupuaçu,
Taperebá, murici...

Tem também o abricó,

Graviola, carambola,

Acerola e açá!



Fernando e Cida bateram palmas.

– Pra completar, vocês podiam dançar o carimbó enquanto cantam! – disse Fernando. – É uma dança típica do Pará, muito bonita. Tem uma parte que se chama “Peru de atalaia”: o cavalheiro tem de apanhar com a boca, sem colocar as mãos no chão, um lenço que a dama deixa cair. Se não conseguir, sai da dança!

– Agora conte sobre a ilha de Marajó! – pediu Cida. – Dizem que lá as cerâmicas são lindas! Os índios é que fazem aqueles vasos pintados?

– Eu trouxe alguns de lá para o dono de uma loja. E o que me contaram foi o seguinte: as cerâmicas de Marajó mais famosas são muito antigas e parece que foram feitas por um povo que existiu na ilha muito antes de o Brasil ser descoberto. Este povo desapareceu. Hoje em dia, existem artesãos que fazem cópias para vender, porque elas são admiradas no mundo todo!

– Desapareceu como? – quis saber Mateus. – Igual aos dinossauros?

– Ninguém sabe, é um mistério – respondeu Fernando. – Podem ter ido embora, ou ter morrido de alguma doença, ou... sei lá... Mas dizem que eram muito mais desenvolvidos que os índios que existem hoje. Faziam uns vasos enormes, cheios de desenhos de bichos, que usavam como urnas funerárias...



– Urnas? Lá tinha eleição? – perguntou Liloca, provocando risada geral.

– Não, Liloca! – explicou Cida. – Urna funerária é um tipo de caixão pra enterrar os mortos.

– Também faziam outras coisas, como tigelas, estátuas, jarros e até tangas de cerâmica – acrescentou Fernando. – Uma coisa bacana que me disseram é que, naquela época, uma pessoa vivia no máximo 30 ou 40 anos. E este povo, além de passar esta vida tão curta tendo que caçar, conseguir comida e se defender dos perigos, ainda encontrava tempo e talento para fazer uma arte tão bonita!

Naquela noite, Mateus dormiu impressionado com o desaparecimento da civilização marajoara.

Sonhou que navegava no oceano. De repente, seu barco entrou em um buraco, embaixo do porto de Belém. Era a toca da Cobra Grande! Ela acordou e levantou a cabeça enorme. Mateus não teve medo. Ainda bem que tinha levado uma caixinha de leite na mochila! Mas, quando ia jogar o leite na boca da Boiuna, ela disse:

– Não quero leite! Quero é sair debaixo desta cidade, porque isto aqui já está muito apertado! Ajude-me a encontrar a saída! Em troca, eu levo você até a ilha de Marajó para conhecer o cacique do povo desaparecido!



Mateus, então, guiou-a até a saída que dava para o mar. Chegando ali, subiu na cabeça da cobra, que partiu, veloz, em direção à ilha. Após passarem por grandes rebanhos de búfalos, alcançaram o platô onde morava o cacique. Ele ficou muito contente com a visita de sua amiga Boiuna e se apresentou a Mateus:

– Meu nome é Abaeté, que significa homem sábio e corajoso!

– Meu pai me contou que seu povo vivia aqui muito tempo atrás – disse Mateus. – Ele falou que vocês tinham uma cidade e faziam coisas tão lindas que, hoje, estão nos museus. Fiquei triste ao saber que vocês desapareceram...

– Não, não fique triste! – respondeu o cacique. – Se a nossa arte é admirada até hoje por seu povo, de algum jeito nós ainda existimos! E, enquanto os pais continuarem contando histórias para seus filhos, nenhum grande povo será esquecido!

Mateus percebeu que o cacique tinha razão e disse:

– Eu prometo que, quando tiver um filho, vou fazer o mesmo que meu pai. E, assim, tudo de bom que já foi feito na Terra vai ficar para sempre na memória das crianças!

Quando acordou, Mateus saiu correndo da cama. Não podia esperar nem um minuto para dar em seu pai o abraço mais apertado do mundo!



CONHEÇA OUTROS LIVROS DA COLEÇÃO PÉ NA ESTRADA:





educação

Viajar pela leitura
sem rumo, sem intenção.
Só para viver a aventura
que é ter um livro nas mãos.

Clarice Pacheco



Fundação
EDUCAR | Leia Comigo!

DPASCHOAL

GOODYEAR

Agradecemos aos parceiros que investem em nosso projeto.

